

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DÉBORA SHEMENNIA GULARTE DE SOUZA
RENATA ÉMILE PIVA DA SILVA RIBOLI**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA DE
ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO**

MUZAMBINHO – MG

2013

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DÉBORA SHEMENNIA GULARTE DE SOUZA
RENATA ÉMILE PIVA DA SILVA RIBOLI**

**CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA DE
ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Campus Muzambinho, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Professor Ms. Mateus Camargo
Pereira

MUZAMBINHO – MG

2013

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
CURSO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DÉBORA SHEMENNIA GULARTE DE SOUZA
RENATA ÉMILE PIVA DA SILVA RIBOLI**

COMISSÃO EXAMINADORA

MUZAMBINHO, ___ DE ___ DE 2013

MUZAMBINHO – MG

2013

AGRADECIMENTO

Eu, Débora Shemennia Gularte de Souza agradeço primeiramente a Deus que até aqui me ajudou e me deu força para superar todas as minhas dificuldades e obstáculos, me dando animo para seguir em frente.

Aos meus familiares que sempre esteve ao meu lado me apoiando e me incentivando em todos os momentos e se cheguei até aqui é graças a eles, obrigada por tudo meu irmão Daniel, meu sobrinho João Victor, minha tia Nice, meu tio João Marcos, meus avos Elza e João, meus tios Márcio e Sirlene, meus primos Eric, Mayara e em especial a minha prima Érika que de alguma forma contribui para a conclusão desse trabalho. E a minha querida mãe Iracema em que me espelho pela determinação, que sempre me motivou com palavras de carinho e amor me ajudando em tudo.

Ao meu professor e orientador Mateus Camargo Pereira, que acreditou em nós, que nos ouviu pacientemente e que sempre nos motivou. E fica a nossa gratidão por ser um profissional extremamente qualificado e pela forma humana que conduziu nossa orientação.

As minhas amigas Aline, Amanda, Ana Flávia, Carol, Daiane, Débora T. e Núbia pela compreensão e apoio, estendendo suas mãos em todo o momento. E a Renata pela paciência e parceria para realizarmos este trabalho.

Ao Instituto Federal- Campus Muzambinho por nos receber para a realização do trabalho e em especial ao professor Romário Nóbrega que muito nos ajudou.

AGRADECIMENTO

Eu, Renata Piva Riboli, agradeço primeiramente a Deus que esteve sempre em minha vida em todos os momentos, que me concebeu a graça de concluir essa jornada em meio de tantas dificuldades e obstáculos no qual fui submetida.

Em especial ao meu marido Rodrigo Riboli e a minha filha Maria Eduarda Piva Riboli pela compreensão nos momentos de ausência, no qual muitas vezes deixei de dar a atenção, sempre preocupada com meus estudos, que ocupavam quase todo o meu tempo.

Aos meus pais e a minha irmã por toda ajuda concedida e por me darem o dom da vida.

A família Riboli em especial a minha sogra Rosângela, pois sempre estiveram dispostos a me ajudar.

Ao meu professor orientador Mateus Camargo Pereira pelo apoio, incentivo e acreditar sempre que seríamos capazes de ir além.

Ao Instituto Federal do sul de Minas – Campus Muzambinho e ao professor Romário Nóbrega por nos proporcionarem espaço para concretizar nossa pesquisa.

A Carolina Mara e a Érika Poscidônio que de alguma forma contribuíram para a concretização do trabalho.

E por ultimo, não menos importante a Débora Shemennia Gularte pelas informações trocadas, as risadas compartilhadas e o trabalho realizado.

EPÍGRAFE

"Nunca perca a fé na humanidade, pois ela é como um oceano. Só porque existem algumas gotas de água suja nele, não quer dizer que ele esteja sujo por completo."

Autor: Mahatma Gandhi

SOUZA, Débora Shemennia Gularte; RIBOLI, Renata Émile Piva da Silva. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Uma Proposta de Abordagem no Ensino Médio.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituição Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, 2013.

RESUMO

As questões associadas à sexualidade são vistas atualmente como um problema de saúde pública. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontam que a escola que deve atuar nessa temática. A educação física, parte da escola, não pode se eximir desta tarefa, visto que o tema sexualidade compõe uma dimensão do ser humano contemplada na expressão corporal. Desta forma, essa pesquisa teve como objetivo montar uma proposta de abordagem da sexualidade na disciplina educação física, em uma turma do 1º ano do ensino médio integrado ao técnico de agropecuária do Instituto Federal do Sul de Minas – campus Muzambinho. Para realização dessa pesquisa foi feita uma intervenção pedagógica em 5 aulas duplas de diferentes conteúdos, gerando reflexões sobre o assunto. Diante dos dados coletados e de todas as observações feitas é possível concluir que trabalhar o tema na educação física é totalmente viável e produtivo. Porém deve ser um tema que tem que ser abordado pelo conjunto da escola por ser de grande importância e para gerar um resultado mais efetivo.

Palavras chave: Sexualidade, Educação Física, Educação.

ABSTRACT

The questions associated of sexuality are currently seen as a public health problem. The National Curriculum Parameters (PCN) indicate that the school should act in this matter. Physical education, school party, can not avoid this task, since the topic sexuality makes up a dimension of the human body contemplated in the expression. Thus, this research aims to build a proposed approach to sexuality education in the discipline of physics in a class of 1st year high school integrated with agricultural technician from the Federal Institute of South Minas - Muzambinho campus. For this survey was made an educational intervention on 5 pairs of different content classes, generating reflections on the subject. From the data collected and all observations we conclude that the subject work in physical education is entirely feasible and productive. However should be a topic that has to be addressed by the whole school to be of great importance and to generate a more effective result.

Keywords: Sexuality, Physical Education, Education.

Sumário

Introdução.....	9
1 – Conceitos Básicos.....	10
1.1 - Gênero	10
1.2 - Sexo	11
1.3 - Orientação Sexual.....	12
1.4 - Educação Sexual.....	13
1.5- A sexualidade.....	14
1.6 - A sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais	15
1.7 - A sexualidade e a Educação Física	16
2 - Materiais e métodos	17
3 - Resultados e Discussões.....	19
3.1 - Relatórios das aulas	19
3.1.1 - Plano e observação da 1ª aula – 01/04/2013 - Futebol em Duplas Mistas .	19
3.1.2 - Plano e observação da segunda aula – 08/04/2013 - Jogos de oposição ...	22
3.1.3 - Plano e observação da terceira aula – 15/04/2013 - Ginástica Acrobática.	24
3.1.4 - Plano e observação da quarta aula – 22/04/2013 - Dança (Forró).....	25
3.1.5 - Plano e observação da quinta aula – 13/05/2013 - Massagem e Alongamento em duplas	27
4 - Considerações Finais.....	31
Referências	32
Anexos.....	34
Anexo A – Termo de Consentimento Livre E Esclarecido (TCLE).....	34
Anexo B - Questionário Sexualidade:	35
Anexo C – Entrevista Com A Coordenadora do Ensino Médio	36
Anexo D – Entrevista Com O Psicólogo	38
Anexo E - Entrevista Com O Professor de Educação Física	39

INTRODUÇÃO

A sexualidade é atualmente vista como um problema de saúde pública, sendo a escola local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes (ALTMANN, 2002).

Nos dias atuais, o tema está associado a diversos assuntos: iniciação sexual precoce, DSTs, gravidez na adolescência, imagem corporal etc, que influenciam enormemente o cotidiano dos envolvidos. Tal quadro justificou a inserção do tema nos documentos oficiais do Estado brasileiro, tais como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), etc. Neste trabalho investigamos se e como o tema tem sido abordado no IFSULDEMINAS – campus Muzambinho, instituição que atende majoritariamente estudantes do ensino médio. Ao mesmo tempo, entendemos que a educação física pode e deve atuar nessa temática, visto que o tema sexualidade compõe uma dimensão do ser humano e como trabalhamos com seres humanos se expressando corporalmente, não temos como nos eximir desta tarefa. Entretanto, existem pouquíssimos trabalhos nessa direção, representando uma lacuna considerável. Desta forma, justifica-se a realização deste trabalho, em que pretendemos oferecer subsídios para que os profissionais da área possam discutir e trabalhar esse tema que causa tanta polêmica na sociedade.

O objetivo geral da pesquisa foi de montar e aplicar uma proposta de trabalho para o tema sexualidade na disciplina educação física no 1º ano do ensino médio integrado ao técnico agropecuária do IFSULDEMINAS. Os objetivos específicos foram investigar as visões dos estudantes sobre o tema antes e após as aulas. Investigar se o tema sexualidade é trabalhado no IFSULDEMINAS – campus Muzambinho (Ensino Médio), em quais disciplinas e de que forma.

No capítulo 1 discorreremos acerca do referencial teórico sobre a sexualidade: como é abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas aulas de educação física. No capítulo 2 discorreremos sobre os materiais e métodos. No capítulo 3 apresentaremos a pesquisa de campo e seus resultados. E em seguida finalizaremos o trabalho com as considerações finais.

1 – CONCEITOS BÁSICOS

1.1 - GÊNERO

“Por gênero entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos” (GOELLNER, 2010, p.75).

Segundo Bonfim (2012, p.37):

Gênero é o que “determina” aquilo que culturalmente seriam características do ser “masculino” e do “feminino”: forma física, anatomia, maneira de se vestir, falar, gesticular, enfim, as atitudes, os comportamentos, os valores e os interesses de cada gênero (lembrando que essas características são designadas pela sociedade culturalmente dominante).

A partir dessas definições, podemos considerar que o gênero é um conjunto de características biológicas e culturais integradas. O que define se uma característica é masculina ou feminina é a sociedade. Uma sociedade machista define, arbitrariamente, que jogar futebol é coisa de homem e dança é coisa de menina (DARIDO, 2012).

Moreno (1999, p.80) nos alerta que: “É necessário fazer nosso idioma, não negar às meninas sua identidade sexolinguística, afirmar o feminino. Dar aos meninos o que a sociedade lhes nega: a possibilidade de serem eles mesmos, de não ter que esconder seus medos e fragilidades sob máscaras de fortaleza”. Isso significa que ninguém deve ser pressionado a ser aquilo que não se sente bem.

Historicamente o gênero foi fardado pela sociedade como às funções do homem e da mulher perante a família, o trabalho e a comunidade. As características masculinas seriam coragem e determinação, e as femininas associadas à fragilidade e à afetividade (DARIDO, 2012).

As brincadeiras de meninas estão sempre relacionadas com dona de casa, fadas etc; e os meninos sempre com o super homem e policiais. O que vem sendo substituído pelos casais modernos é a imagem das mulheres como dona de casa, consumidoras de produtos de limpeza por dividirem as tarefas domésticas (MORENO, 1999).

1.2 - SEXO

“Termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa” (Goellner, 2010, p.75b). Segundo Nunes e Silva (2000, p.74) apud Bonfim (2012, p.22) “sexo é marca biológica, caracterização genital e natural”. Baseado nesse conceito, o autor ainda postula que poderíamos afirmar que a escola fala de sexo e não de sexualidade, pois trata o assunto de forma biológica sem articular e resgatar a concepção histórica e cultural (BONFIM, 2012).

1.3 - ORIENTAÇÃO SEXUAL

Esse tema engloba os conceitos de sexualidade que estão relacionados as questões de gênero, a vida e a saúde enfatizando o papel social de homens e mulheres e estereótipos e preconceitos da relação entre ambos (DARIDO,2012) .

Como afirma Brasil (1998) apud Darido (2012) orientação sexual é:

(...) o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro.

De acordo com Pinheiro (acesso em 06 de Jun. 2013) o termo orientação sexual é relativamente conhecido e se refere a como nos sentimos em relação à afetividade e sexualidade. Por não se tratar exclusivamente de sexo, o termo mais apropriado talvez seja orientação afetivo-sexual, ou romântica-sexual. Falamos de orientação, e não de opção, porque não é algo que possamos mudar de acordo com nosso desejo. Existem quatro tipos de orientação afetivo-sexual: os bissexuais se sentem atraídos pelos dois gêneros; os heterossexuais, pelo gênero oposto; e os homossexuais, pelo mesmo gênero. Os assexuados representam um caso singular, uma vez que podem apresentar uma orientação romântica, porém não sexual, direcionada a algum dos gêneros (ou a ambos), ou não apresentarem orientação romântica e nem sexual.

1.4 - EDUCAÇÃO SEXUAL

Segundo Bonfim (2012, p.33) “Educação sexual é, antes de tudo, uma prática ou ação de transmissão de conhecimento, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de educação”. Nela estão envolvidas questões culturais, históricas e sociais, caracterizando-a como uma prática educacional, tornando o entendimento marcado por diversas mudanças ocorridas na produção básica da sociedade em que envolve as dimensões biológica, a subjetividade, a afetividade, a ética, o desejo, a religiosidade, entre outras (BONFIM, 2012).

As campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, a distribuição de preservativos e anticoncepcionais, as informações sobre biologia ou prescrição médicas e higiênicas são um resumo de informação sobre a educação sexual. Porém, ainda que de extrema importância, não são suficientes para a mudança de comportamentos, pois não despertam a reflexão crítica que leva a aquisição de consciência (BONFIM, 2012).

De acordo com Bonfim (2012,p.35):

A educação sexual que tanto almejamos objetiva a construção de uma sociedade na qual as relações sejam pautadas pela igualdade de direitos, deveres e espaços: pelo respeito, pela afetividade, pela sociedade, pela sensualidade, e não pela vulgaridade; pelo erotismo, e não pela banalização e pela pornografia. Um lugar onde homens e mulheres, sejam homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, deixem de ter essa classificação que segrega e sejam tratados, acima de tudo, como seres humanos que somos; uma sociedade em que todos possamos ter uma relação social e sexual pautada pela igualdade. Por isso, voltamos a dizer que a educação sexual (quando acontece na escola, pois nem sempre ocorre) precisa superar a dimensão médico-higienista-biologista que reduz a sexualidade à prevenção de DSTs, aos preservativos e aos anticoncepcionais.

1.5- A SEXUALIDADE

Como afirma Weeks (1999), apud Goelner (2010, p.76) a sexualidade é

Como algo que envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que permitem a homens e mulheres viverem de determinados modos seus desejos e prazeres corporais.

Na psicanálise, Freud que considera os desejos da criança como desejos e expressões sexuais, destaca que a sexualidade não é limitada apenas em função dos órgãos genitais e ao ato sexual em si. Afirma que a vida sexual tem início logo após o nascimento diante de diversas atividades que desenvolve e estímulos que se tem na infância. Estas proporcionam um prazer que não está ligado às satisfações fisiológicas. Freud também diferencia a sexualidade das crianças da vida sexual dos adultos, afirmando que devido à inibição do desenvolvimento da libido, dos desejos reprimidos que ficam guardados em nosso inconsciente, originam-as neuroses (BONFIM, 2012).

A sexualidade é entendida como tudo que nos dá prazer e nos motiva a viver segundo Bonfim (2012, p.26)

Envolvendo, além da dimensão biológica, os relacionamentos, o erotismo, a fantasia, o prazer e também questões culturais, religiosas, simbolização, a própria construção humana, não se limitando apenas a genitálias.

A sexualidade é tudo que envolve o sexo, papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução considerada então como um dos aspectos centrais da vida. Diante das dimensões que envolve os aspectos sociais, físicos e psicológicos, além também do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossa religião, nossas relações afetivas enfim nossa cultura. (BONFIM, 2012).

1.6 - A SEXUALIDADE NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

A inclusão da temática sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem sendo discutida desde a década de 70, devido às mudanças no comportamento dos jovens nos anos 60 diante dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade (BRASIL,1997).

A sexualidade, segundo Altmann (2001):

É um “negocio de estado”, tema de interesse publico, pois a conduta sexual da população diz respeito a saúde publica, a natalidade, a vitalidade das descendências as espécies, o que, por sua vez está relacionado a produção de riquezas, a capacidade de trabalho, ao povoamento e a força de uma sociedade.

São diversos fatores que destacam a necessidade de abordagem do tema orientação sexual nas escolas. Para isso o PCN é um referencial norteador para construção dos currículos escolares, sendo então de escolha da escola utilizá-lo. Porém a sexualidade é expressa pelos alunos; cabe à instituição de ensino organizar uma ação critica educativa e reflexiva. Queira ou não, a escola intervém de várias formas, embora nem sempre tenha consciência disso e nem sempre acolha as questões dos adolescentes e jovens. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe certas manifestações e permite outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seu filho. Ela está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos no momento (Brasil,1997).

“Os alunos chegam à escola com concepções de sexualidade provenientes das mais diversas fontes, tais como a família, a mídia, a religiosidade etc” (DARIDO, 2012, p.149). A escola tem um papel fundamental na formação do aluno tendo que auxiliá-lo a encontrar um estado de autonomia para refletir sobre o assunto (idem, 2012). Segundo Brasil (1997, p.83), o trabalho realizado pela escola na Orientação Sexual não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa.

1.7 - A SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO FÍSICA

“A Educação Física aparece como um espaço privilegiado para tematizar o assunto sexualidade. Seja devido aos seus conteúdos e dinâmica de aula, seja pela relação que se estabelece entre professores e alunos nestas aulas” (ALTMANN, 2001,p.583). Sua facilitação se dá pela confiança que é depositada no professor pelo aluno.

De acordo com Darido (2012, p.28):

A educação física se aproxima desse tema a partir do momento em que privilegia o uso do corpo, ou a construção de uma cultura corporal cujos valores de beleza, estética corporal e gestual aparecem com frequência, assim como as questões de gênero e da coeducação.

As aulas de educação física proporcionam uma maior aproximação e convivência entre meninos e meninas, porém os professores têm que estar preparados para trabalhar e suprir as dúvidas dos alunos diante de questões que podem surgir como gênero e corpo (DARIDO, 2012).

“Jogar, lutar e dançar pode representar, portanto, a possibilidade de expressar afetos e sentimentos, de explicitar desejos, de seduzir, de exhibir-se” (BRASIL, 1998, p.41).

Na cultura corporal de movimento e sexualidade a questão de gênero esta presente em sua relação com o corpo e a motricidade sendo padrões que são cultivados desde a infância relacionados em referencias biológicas e socioculturais, que pode ser compreendida pela explicitação das atitudes cotidianas, sendo pautada muitas vezes em valores preconceituosos. Caso as meninas sejam habilidosas no futebol, por exemplo, surgem diversas frases que excitam o preconceito como “aquela menina é meio macho”. Porém é essencial fazer uma reflexão sobre os valores (BRASIL,1998).

As aulas de educação física mistas podem ser uma oportunidade de convívio entre meninos e meninas, para que se observem, descubram e possam aprender a ser tolerantes e respeitar as diferenças sem a discriminação. E que também não venha reproduzir modelos de relações sociais autoritárias. (BRASIL,1998).

2 - MATERIAIS E MÉTODOS

Essa pesquisa é uma pesquisa de campo e qualitativa. Foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, no campus Muzambinho, em uma turma de 1º ano do ensino médio integrado com agropecuária. Foi uma turma de aproximadamente 40 alunos. Composto por cerca de 15 meninas e 25 meninos, com idades entre 14 e 15 anos. Foram selecionados alunos do 1º ano do ensino médio por serem recém-ingressantes na instituição, ou seja, ainda não passaram por nenhuma experiência sobre o tema no instituto. O IFSULDEMINAS foi escolhido por ser uma escola aberta para pesquisas sobre essa temática, bem como por possuir diversas turmas de ensino médio.

As intervenções aconteceram nas aulas de educação física nos horários regulares da escola, no período da manhã. Foram utilizados a quadra e o tatame para a realização das atividades. A maior parte das aulas foi filmada e fotografada para podermos coletar dados sobre as falas e atitudes dos alunos sobre o tema.

Para atingir nossos objetivos, realizamos os seguintes passos:

No primeiro momento realizamos uma conversa com os alunos, com o intuito de investigar suas opiniões sobre a sexualidade. Todos os alunos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelos responsáveis autorizando a fazer uso da imagem.

No segundo momento elaboramos e aplicamos uma intervenção pedagógica de cinco aulas duplas (10 aulas no total), com os seguintes temas: futebol de duplas mistas, jogos de oposição, ginástica acrobática, forró, alongamento em dupla e massagem. Todos os cinco conteúdos foram abordados de uma forma inicial, em formato de vivência experimental, pois o intuito era a vivência da atividade como forma de conhecimento e enriquecimento cultural. O objetivo seria provocar a reflexão dos alunos em relação ao contato, o toque com outro colega de classe, tentando quebrar o tabu desse tipo de contato. Não nos propusemos a ampliar as técnicas dos conteúdos, ainda que isto ocorresse de alguma forma.

Logo após, realizamos entrevistas semi-estruturadas com funcionários da instituição: coordenadora do ensino médio, o psicólogo e um professor de educação física. O objetivo era compreender como a instituição trabalha (ou não trabalha) a questão da sexualidade. Os profissionais foram selecionados por conta de sua

proximidade com o ensino médio.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 - RELATÓRIOS DAS AULAS

3.1.1 - PLANO E OBSERVAÇÃO DA 1ª AULA – 01/04/2013 - FUTEBOL EM

DUPLAS MISTAS

Inicialmente foi explicado aos alunos que eles participariam de um trabalho de conclusão de curso, no qual ministrariamos aulas sobre diversos conteúdos que abordariam temas transversais (não foi dito a eles que seria trabalhado o tema sexualidade para evitar resistências). Foi explicado a eles que seria uma sequencia de cinco aulas duplas.

A primeira aula foi dividida em quatro partes distintas:

No primeiro momento foi realizada uma breve abordagem do que seria trabalhado nas aulas ministradas por nós. Perguntamos a eles se conheciam o futsal, se eles gostavam, e como era a participação das meninas nessa atividade. Em respostas as questões:

- “Gosto muito e a educação física tinha que ser só futsal [fala de menino]”.

- “Eu gosto muito, mas as meninas não gostam, e eu não gosto de jogar com os meninos [fala de menina]”.

- “Detesto [fala de menina]”.

- “Vamos jogar futsal, ai sim! [fala de menino]”.

Em seguida, pedimos para que todos os alunos ficassem na quadra e se dividissem em duplas, deixando que escolhessem os parceiros por afinidade. Não interferimos nas escolhas. Após a divisão montamos duas equipes, jogando assim o futsal com suas regras formais.



Figura 1: Futsal em Duplas

Logo após, foi feita uma intervenção: pedimos a eles que se dividissem em duplas mistas para continuar jogando o futsal. Para maior dinâmica do jogo liberamos a quadra inteira, modificando as regras. Nesse momento os alunos apresentaram certa resistência. Através de suas expressões percebermos o descontentamento inicial:

“Eu vou dar botinada nelas [fala de menino]”.

“Eu não vou jogar com esses meninos chatos não [fala de menina]”.

“Posso beijar ela? [fala de menino]”

“Eu não, eu vou tomar bolada [fala de menina]”.

Porém no decorrer da atividade todos estavam entrosados e a aula já tinha acabado. Eles não notaram e quando foi anunciado o final da aula queriam continuar jogando.

No quarto momento finalizamos com uma breve discussão para saber o que eles acharam da vivência do jogo em duplas mistas. Alguns meninos relataram que no início da atividade não queriam que as meninas participassem, mas no final gostaram porque elas jogaram “direitinho” e até fizeram gol. E as meninas também disseram que tinham gostado porque os meninos as respeitaram. A fala de uma aluna chamou atenção: disse que tinha gostado e que jogava melhor do que muitos meninos ali.



Figura 2: Futsal em Duplas Mistas

Percebemos que a separação do futebol entre os gêneros reproduz o esporte de rendimento. Não é uma demanda dos alunos. Logo, quando propomos algo novo, ainda que resistências se manifestem, as atividades podem fruir bem. No decorrer da atividade os alunos mostravam muita euforia e empolgação. Todos participaram da aula e não queriam que terminasse. É importante citar que houve mudança no comportamento dos meninos em relação às meninas. De uma postura

agressiva e hostil no início, passaram a auxiliá-las no como jogar. Houve uma mudança significativa de postura.

3.1.2 - PLANO E OBSERVAÇÃO DA SEGUNDA AULA – 08/04/2013 -

JOGOS DE OPOSIÇÃO

A aula iniciou com uma breve discussão sobre o tema lutas, eles falaram o que eles sabem e conhecem sobre esse tema. No mesmo instante já apontaram um aluno que é praticante de Muay Thai, que a aula seria dedicada a ele, que nem teria graça porque ele seria o melhor, nesse momento notamos que eles tinham uma visão da luta como esporte competitivo, como por exemplo, uma luta de Mixed Martial Arts (MMA) remetidas a imagens que são exibidas na televisão. E muitas meninas já rejeitaram a aula dizendo que os meninos eram mais fortes do que elas e que não valia.

A segunda aula se dividiu em quatro partes distintas:

No primeiro momento foi realizada uma atividade (nunca três) para aquecimento dos alunos, trabalhando a agilidade que esta dentro do tema abordado. Nesse momento houve muita rejeição por parte dos meninos, por não quererem sentar um atrás do outro. Eles não concordavam em homem sentar atrás de homem, como demonstra algumas falas citadas abaixo:

- “Eu não vou sentar atrás dele”.
- “Assim não da”.
- “Não eu não vou atrás, ele que vai”.
- “Ninguém vai sentar atrás de mim não”.

As falas vinham acompanhadas das seguintes posturas: Eles ficavam um do lado do outro, encostavam-se à parede para ninguém sentar atrás, ficavam em pé e brigavam para ver quem iria sentar na frente. No decorrer da atividade essa postura



Figura 3: Nunca Três

foi se modificando. Passaram a

nem perceber quem estava sentando atrás deles.

Em seguida, foi pedido a eles que se dividissem em duplas. Após a divisão os colocamos em duas filas, ficando de frente um para o outro. Foram realizadas diversas atividades que trabalharam fundamentos como força, equilíbrio, agilidade.

No terceiro momento, através do nosso comando, eles mudavam de duplas aleatoriamente. Nós pedimos que eles sempre fossem para o colega da esquerda, assim todos passavam por diversas duplas diferentes. Nesse momento houve um estranhamento entre eles por não quererem ir com uma dupla que não fosse de sua afinidade.



Figura 4: Jogos de Oposição

No quarto e ultimo momento finalizamos com uma roda de discussão sobre como poderíamos trabalhar o tema lutas utilizando formas diferentes do que é apresentada pela mídia. Diferente do momento inicial, em que houve um diagnóstico da luta de seus conhecimentos, eles relataram no final da aula que gostaram muito das atividades, pois não especificamos nenhum tipo de luta. Se fosse algum tipo específico de luta eles não iam bem. O que foi observado nessa aula foi que as meninas no inicio não estavam a fim de participar. No decorrer da atividade todas participaram e no final estavam comemorando, pois foram melhores que os meninos.

O tema lutas e o assunto gênero podem ser relacionados com a educação física escolar. Lutas são culturalmente relacionadas aos meninos. Esse tabu vem sendo quebrado atualmente; as mulheres vêm conquistando esse espaço. No inicio da aula as meninas não queriam participar por entender em seu pensamento que lutas estão relacionadas à força. Mas no decorrer da aula a expressão fácil das meninas lutando com os meninos era a prova de que elas haviam superado essa compreensão.

3.1.3 - PLANO E OBSERVAÇÃO DA TERCEIRA AULA – 15/04/2013 -

GINÁSTICA ACROBÁTICA

A aula se iniciou com uma breve abordagem do tema ginástica, tematizando a ginástica acrobática.

No primeiro momento nós pedimos para eles se dividirem em duas fileiras, onde foi realizado um aquecimento com diversas atividades, em que saía um de cada fileira por vez para realizá-las.

No segundo momento pedimos que se dividissem em duplas para começar as atividades de ginástica acrobática. Nesse momento a divisão em duplas foi feita e os meninos queriam fazer com as meninas por serem mais leves. As meninas não queriam fazer com os meninos por terem que ser carregadas por eles.

Na terceira etapa da atividade a proposta seria envolver todo o grupo, para a realização de uma pirâmide.

A aula já havia ultrapassado o horário, mas o desafio de montar a pirâmide mobilizou a todos, que tiveram que trabalhar juntos. Tinham que ter uma visão do seu próprio corpo. Os mais fortes tinham que ficar na base para poder sustentar a pirâmide. Foram diversas as estratégias até que a pirâmide fosse formada.

A realização dessa atividade nos mostrou que, ainda que haja vergonha no contato corporal entre pessoas do mesmo gênero e do gênero oposto, muito associado à sexualidade ou à homossexualidade, quando desafiados a construir algo motivante, essa vergonha reduz. Ou seja, o contexto esvaziado de cobranças por posturas sociais, por exemplo, homem e menina se tocando é para algo sexual,



Figura 5: Pirâmide

torna o contato natural.

3.1.4 - PLANO E OBSERVAÇÃO DA QUARTA AULA – 22/04/2013 - DANÇA

(FORRÓ)

A quarta aula foi dividida em quatro partes distintas:

Teve início com uma abordagem sobre o tema dança, especificamente falando sobre o forró. Os alunos se espalharam pela quadra e foram ensinados passos básicos do forró. Primeiramente os passos foram realizados individualmente.

Em seguida foi realizada a mesma atividade, porém em duplas, mas sem contato. Logo após, a mesma atividade foi realizada, incluindo novos passos. Propusemos a eles que tivessem o contato corporal com o colega para ambos terem a vivência da prática. Foi nesse momento que começou um bloqueio entre eles, quando foi pedido que os meninos conduzissem as meninas colocando sua mão na cintura. Novamente, percebe-se uma caracterização do contato entre meninos e meninas, como se sempre estivesse envolvido algum interesse sexual.

Por último, nós os dividimos em casal para realizar a dança de uma música inteira. Nessa atividade vários meninos sentaram, enquanto meninas dançavam com meninas. Chama-nos a atenção que as meninas são menos reprimidas quando se trata de contato corporal entre elas. Meninos evitam qualquer contato, por conta da associação com a homossexualidade. Depois de conversarmos com eles e insistirmos para participar dançando com a gente, ficaram mais seguros e foram dançar com as meninas.

Para finalizar a aula fizemos uma roda de discussão em que os alunos relataram as dificuldades encontradas. Questionamos os meninos sobre sua dificuldade em se aproximar das meninas e vários argumentos foram citados:

“Todas as meninas tem namorado [fala de menino]”.

“Eu sou duro pra fazer isso [fala de menino]”.

“As meninas namoram, eu não posso dançar com elas [fala de menino]”.

Diante da reação dos alunos concluímos que a idéia de dança em especificamente o forró é vista pelos meninos como uma forma de contato corporal mais intenso, ficando receosos, incomodados na hora da aproximação com a colega. Essa questão foi levantada durante todo o tempo da atividade, sobre o respeito que deveria existir nas atividades, e a diferença do comportamento deles de

acordo com o local que eles estavam que era um local de aprendizagem e não uma festa. Isso fez com que eles deixassem o preconceito de lado e realizassem a aula normalmente.

Além da idéia do contato da dança vinculada a erotismo, há a visão machista de que a menina que tem namorado não pode ser tocada, como se esta não pudesse viver qualquer coisa com outras pessoas; como se fosse propriedade do namorado. São questões que precisamos trabalhar constantemente.

3.1.5 - PLANO E OBSERVAÇÃO DA QUINTA AULA – 13/05/2013 -

MASSAGEM E ALONGAMENTO EM DUPLAS

A quinta aula foi dividida em três partes distintas.

O primeiro momento iniciou com um alongamento em duplas. Eles ficaram a livre escolha com quem realizaram as atividades. Apesar de essa atividade haver contato, a realização dela foi mais tranquila, houve um aceitamento fácil pelos alunos, porem alguns comentários surgiram:

- “Cuidado você é mais forte”.
- “A essa música, com esse alongamento vai ficar lindo professora”.
- “Esse alongamento merece foto”.
- “Vou quebrar seu braço”.
- “Não faz isso não, porque se não eu não pego as gatinhas”.
- “Para de ser idiota”.
- “Ela não quer ir para frente, claro você vai me derrubar”.



No segundo momento utilizamos atividades de massagem corporal primeiramente em duplas com afinidade, depois com duplas aleatórias. Após trocarmos de duplas, pedimos para eles agora realizarem a massagem com a bolinha na musculatura posterior da coxa. Como os alunos estavam eufóricos com a situação, ocorreram muitas risadas e agitação. Nesse momento os alunos ficaram receosos já que o contato corporal estava mudando. Foram ficando mais próximos. Houve diversas reações e fala dos alunos.

Abaixo algumas falas ditas por eles:

- “Não vou deitar não, vai, você que vai, não eu não vou deitar porque sou

homem” (dupla masculina)

-“Fazer massagem? Ah que lindo!”.

-“Passar a bolinha nas costas, viu!”.

-“Aí que delícia”.

-“Pensei que a coisa ia ficar melhor”.

-“O cara fica passando a bolinha na minha bunda ta achando que é festa”.

-“Só as meninas que não tem bolinha”.

-“Ele fica assediando eu”.

-“Da ate gosto fazer a educação física, porque antes ficava batendo bola e agente ficava olhando a bola”.



Figura 7: Massagem

mos uma roda de massagem, onde um ficava atrás do outro realizando a massagem no colega da frente. Posteriormente foi invertido o lado e assim, conseqüentemente, mudando de colega.

Finalizamos a análise do processo com uma roda de discussão. Nessa atividade percebemos a dificuldade dos alunos se tocarem inicialmente. A fisionomia e o descontentamento foram evidentes em alguns. Os demais, por terem alguma afinidade entre si, ficaram mais a vontade. Foram feitas diversas duplas, sendo menino com menino, menina com menina e menino com menina. Percebemos que nas duplas de meninos houve uma situação desconfortável para alguns, eles se sentiram incomodados em fazer massagem em um colega do mesmo sexo. Com isso resolvemos fazer uma breve discussão, explicando aos meninos que não deixariam de serem homens por terem contato com pessoas do mesmo sexo. Conversamos, também, que nem todos que tocam uma pessoa do sexo oposto o fazem por interesse sexual. O resultado foi muito bom, eles aceitaram realizar a

L

og
o
ap
ós,
rea
liza

massagem e ficaram mais a vontade no decorrer da atividade.



Figura 8: Roda de Massagem

ndo os objetivos propostos. No decorrer da primeira aula até a última, houve uma grande transformação na convivência entre meninos e meninas. Após a realização das aulas, os alunos se soltaram, e viram que o preconceito social e o estereótipo colocado pela mídia, pelos jornais, pelas revistas pode não ser o correto. Ao final eles perceberam que os meninos não são todos “brutos, grossos e fortes”; as meninas não são “frágeis, lerdas e patas chocas”. E que são capazes de participar de todas as atividades propostas. Infelizmente, ainda que em processo de mudança, a cultura majoritária na sociedade ainda hierarquiza e fragiliza as mulheres. Como afirma Darido (2012 p.c) “O que define se uma característica é masculina ou feminina é a sociedade”. É a sociedade que diz que jogar futebol, lutar é coisa de homem e que a dança e a ginástica é coisa de mulher. Quando deixam de praticar o que é visto como certo pela sociedade sofrem preconceitos através de falas machistas. Essa situação nas aulas acontecia no início, mas com o tempo esse tabu colocado pela sociedade foi se quebrando, fazendo com que eles percebessem que tanto os meninos quanto as meninas podem participar de qualquer atividade proposta nas aulas de educação física. Podemos afirmar isso porque essa não era a realidade que acontecia nas nossas aulas, pois todos os alunos estavam dispostos a participar. Inicialmente havia receio, mas após uma conversa eles aceitaram participar e deixaram acontecer a aproximação entre eles. Tal afirmação é balizada

A

interv
ençã
o das
aulas
foi
muito
válid
a,
atingi

por observação do comportamento e pelo registro das falas dos alunos.

No decorrer do período da intervenção nos entrevistamos alguns funcionários da instituição, sendo eles a coordenadora do ensino médio, o psicólogo da instituição e o professor de educação física da turma trabalhada.

A primeira entrevistada relatou que o tema é abordado de forma indireta pelos professores; a única tematização mais específica foca na prevenção de doenças. Eventualmente, alunos a procuram para conversar, principalmente com temas relacionados à homossexualidade. Declara que alguns alunos tem mais confiança no professor do que na sua própria família, pois sempre relatam que tem o medo de serem rejeitados, já que a relações que tem com colegas dão a eles a liberdade de estar sempre fazendo brincadeiras.

O segundo entrevistado, o psicólogo recém-chegado na instituição, relatou a importância de abordar o tema, e que esse debate tem que tornar permanente na instituição e que há vários projetos para torná-lo diário. Frisou que quando os alunos chegam à instituição eles confrontam com o outro experiências de agressividade, preconceito, medo. É um mundo novo para eles. Entretanto, ainda não conseguiu organizar uma intervenção sistemática sobre o assunto, seja com professores, seja com estudantes.

O terceiro e ultimo entrevistado, o professor de educação física, relatou saber a importância de trabalhar o tema, porem não tem nenhum conhecimento profissional para abordá-lo. Afirma que na sua graduação não teve nenhum contato com esse tema. Suas intervenções são através de suas próprias experiências o que o deixa limitado, por ter sua cultura influenciada por conceitos mais antigos.

Desta forma, constatamos que não há um trabalho sistematizado por parte da escola com relação ao tema, restringindo-se a ações individuais e limitadas às experiências dos envolvidos.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo montar uma proposta de trabalho com o tema sexualidade na disciplina educação física, no 1º ano do ensino médio integrado do IFSULDEMINAS – campus Muzambinho. Para realização de tal proposta aplicamos 5 aulas duplas (totalizando 10 aulas) de diferentes temáticas com o objetivo de provocar reflexões e superações sobre o tema da sexualidade e o que o envolve. Para isso nos utilizamos como referencial DARIDO (2012), ALTMANN (2001) e GOELLNER (2010).

Após tudo isso, concluímos que:

As aulas de educação física se mostraram um espaço privilegiado para a abordagem do tema, por provocarem o contato físico de diferentes formas, oportunizando a problematização de questões como a orientação sexual, o machismo etc;

Fazê-las por meio de aulas mistas, favorece ainda mais esta abordagem, pois provoca situações de conflitos. Mais do que isso; mostra que meninos e meninas podem vivenciar as mesmas práticas, discutindo e entendendo que apesar das diferenças, todos podem realizá-las.

Ainda que tenhamos tido resultados muito efetivos, coletados por registro de posturas e falas, compreendemos os limites de responsabilizar somente a educação física pelo tratamento do assunto. A educação física é uma matéria só, que tem seus próprios conteúdos. A escola precisa assumir esse compromisso e trabalhar melhor essa questão, já que como foram mostrados nas entrevistas, os profissionais consultados afirmam que compreendem a importância de trabalhar o assunto, mas a instituição não tem um trabalho referenciado, sistematizado e institucional sobre o tema, como dito ele é trabalhado apenas aleatoriamente, de forma indireta.

Por fim, nosso trabalho nos mostra que muitas barreiras em relação à sexualidade são sociais, ou seja, construídas pela sociedade, podendo ser mudadas como constatamos em nossas aulas. Basta termos propostas sistematizadas para atingir nossos objetivos. Contudo entendemos que esse é um tema de grande importância ser trabalhado, mas falta tal qualificação e comprometimento da escola em pedagogizar esse tema em seu projeto político pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Estudos Feministas 575 2/2001 Orientação Sexual Nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

BARONI, Marcelo; JUNIOR, Rubens Venditti. **Abordagem do conteúdo sexualidade nas aulas de educação física escolar no ensino médio: estratégias e propostas.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd131/abordagem-do-conteudo-sexualidade-no-ensino-medio.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a Educação Sexual.** 1^o Campinas: Papirus, 2012. 144 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Segunda Parte: orientação Sexual/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUSQUETS, Dolors M.; CAINZOS, Manoel; FERNÁNDEZ, Teresa; leal, AURORA; MORENO, Montserrat; Sastre, GENOVEVA. **Temas Transversais em Educação.** Tradução Cláudia Schilling. Revisão Técnica Ulisses Ferreira de Araújo. Editora Átnea, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física e Temas Transversais na Escola.** 1^o Campinas: Papirus, 2012. 240 p.

FERNANDES, Valquiria Angelis. **Possibilidades e Limites da Intervenção do Professor de Educação Física Escolar Para A Superação do Sexismo Na Escola.** Disponível em: <http://www.muz.ifsuldeminas.edu.br/attachments/1687_31.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2013.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Cadernos de formação RBCE, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 14^o Petrópolis: Vozes, 2012. 184 p.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola.** Tradução Ana Venite Fuzzato. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1999.

PINHEIRO, Livia R.. **Entenda Identidade de Gênero e Orientação Sexual.** Disponível em: <<http://www.plc122.com.br/orientacao-e-identidade-de-genero/entenda-diferenca-entre-identidade-orientacao/#axzz2XdPVFA6a>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

SILVA, Aliny Aparecida da; LIMA, Thais Rosa de. **Futebol e Gênero: Uma proposta na Tendência Crítico Superadora.** 2012. 54fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho. Muzambinho, 2012.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Senhores pais ou responsáveis, seu filho está sendo convidado a participar da coleta de dados do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: Temas Transversais; realizado pelas alunas Débora Shemmenia de Souza Goulart e Renata Émile Piva da Silva Riboli, estudantes do curso de Educação Física – módulo licenciatura, pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho; orientadas pelo professor Me Mateus Camargo Pereira.

A participação de seu filho nesta coleta consistirá em participar de aulas de Educação Física Escolar, no período regular, juntamente com a supervisão do professor de Educação Física Romário Rondinelli Nobrega.

As informações obtidas através desta coleta serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação de seu filho. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Declaro que entendi como será a coleta de dados, autorizo a participação de meu filho.

Assinatura do pai ou responsável

Débora Shemmenia de Souza Goulart

celular: (35) 9160-7604

e-mail: deka.shy@hotmail.com

Renata Émile Piva da Silva Riboli

celular: (35) 9102-9156

E-MAIL: REPIVA@GMAIL.COM

ANEXO B - QUESTIONÁRIO SEXUALIDADE:

- 1- O tema sexualidade é abordado no ensino médio no IF Sul de Minas?
- 2- De que forma é trabalhado e em quais matérias? É interdisciplinar?
- 3- Pra você qual a importância de trabalhar a sexualidade com os adolescentes?
- 4- Existem casos sobre o tema sexualidade com os alunos no IF Sul de Minas, como gravidez, preconceito, homossexualidade entre outros?

ANEXO C – ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO ENSINO MÉDIO

A Primeira pergunta foi se o tema sexualidade é abordado no ensino médio aqui no Instituto Federal do Sul de Minas?

- “Sim, sempre abordado por todos os professores”.

E de que forma ele é abordado, existe um conjunto de trabalho?

-“Como conteúdo, a disciplina em alguns pontos, ela chega nesse sentido de sexualidade não só com o conteúdo que agente lida com adolescentes é interessante que agente sempre oriente, sempre fale, é alguma coisa que agente vê que esta passando do limite, do que é aceitável socialmente, agente sempre orienta, sempre conversa com o aluno, porque muitas vezes ele não vê isso em casa”.

E pra você qual a importância de trabalhar o tema sexualidade com os adolescentes?

-“É muito importante, os meninos tem que compreender que, eles têm que primeiro conhecer o próprio corpo para depois poder transferir essa relação de carinho de afeto para o companheiro que eles possam vir a ter, agente vê os meninos cada vez mais novos namorando, e muitas vezes em casa eles não tem essa orientação, então agente acaba sempre falando, conversando, mas lidar com adolescentes é difícil”.

Existem casos sobre o tema sexualidade com os alunos, como preconceito, gravidez, homossexualidade entre outros? Algum vem diretamente falar com você?

-“Não, nesse ponto a instituição, creio que pelo jeito que agente lida com as coisas, eu sempre dou muita abertura para os alunos, já tive aluno que contou para mim que era gay”. Ele chegou e falou: - Tia eu quero contar uma coisa para a senhora: “eu sou gay”.

“Ele não chegou a contar nem para o pai, então essa relação de confiança é muito importante, e tem que existir entre o professor e o aluno, agente tem alunos homossexuais, lésbicas, gays, e desde que eu estou aqui nos tivemos apenas um caso de gravidez em quatro anos, duas na verdade porque estou com uma menina do primeiro ano, e isso para nós é muito bom, porque agente vê que esta conseguindo instrui esses meninos de forma que eles abram o olho para determinadas coisas, só que eu vejo que alguns assuntos que eu abordo quando vou trabalhar relação com eles, o uso da camisinha, por exemplo, eles acham que a

camisinha é só para engravidar, então percebo que a AIDS e outras doenças não fazem parte da conversa deles, eles acham que nem existem mais, teve um menino que perguntou para mim: - Mais não tem vacina? “Então assim, não sei se quando eu era adolescente as pessoas morriam de AIDS, e hoje com os coqueiros as pessoas vivem por mais tempo, sempre doente, mais vivem, mas eu percebi que a AIDS se tornou um negócio muito distante dos adolescentes, hoje eles acreditam até que não possa contamina-los”.

E aqui no Instituto já houve histórias de preconceitos, por exemplo, com gays, lésbicas entre outros?

-“Não agente não tem não, que eu tenha conhecimento. Claro uma ou outra brincadeira, mas mesmo agente lidando com cursos diferentes, agropecuária os meninos são mais machões, informática os meninos são mais delicados, enfim mais educados talvez, mais calmos, mas eu nunca presenciei, uma brincadeira ou outra, mas sempre no ritmo de ser realmente uma brincadeira, até porque os meninos que são homossexuais são assumidos, eles assumem pros colegas, não sei se em casa são, alguns tirão as sobrancelhas, depilam as pernas, e isso não é mal visto, os meninos podem até comentar entre eles, mas nunca com o colega que é homossexual, pelo menos existe esse respeito, entre os meninos. Não sei se isso existe no alongamento ou fora daqui, mas na presença dos professores PI de algum funcionário da escola, isso não acontece.

ANEXO D – ENTREVISTA COM O PSICÓLOGO

Para você qual a importância de trabalhar a sexualidade com os adolescentes?

É muito importante, o psicólogo trabalhar esse tema através da informação, pois as questões subjetivas são de extrema importância, como por exemplo, a gravidez, a homossexualidade, os relacionamentos, entre outros. As mulheres tem uma visão moral maior que as dos homens, carregada de culpa, porque é muito ligada a religião. Esse é um dos temas que tem que ser trabalhado em grupos com os adolescentes, pois eles estão em uma fase muito traumática, aonde eles saem de casa, dos braços dos pais, da família que os protege e vai encontrar o outro, o novo. Aqui os meninos me procuram mais do que as meninas por causa das primeiras paixões, as meninas ficam mais tímidas. Mais esse é tema muito importante ser trabalhado aqui, porque é um lugar de escuta, detalhes de coisas particulares, aonde eles encontram algumas respostas.

A mudança é muito difícil, as pessoas tem que respeitar o outro que é diferente de mim, mas há muita dificuldade, porque acabam mexendo com coisas que vem da cultura de cada um. As questões aparecem quando agente confronta o outro, o diferente é ai que aparecem as agressões, experiências de preconceitos, medo, solidão. É um mundo novo para eles.

E por isso tem que se tornar esse debate na escola, um debate permanente, tornando-se projetos de cotidianos, presentes nas aulas.

Existem casos sobre o tema sexualidade com os alunos do Instituto Federal o Sul de Minas?

Então, como sou recém-chegado na instituição, essa é uma pergunta difícil para mim responder, pois ainda não consegui organizar uma intervenção sistemática sobre o assunto, seja com os professores, ou seja, com os alunos.

ANEXO E - ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O tema sexualidade é abordado nas aulas de educação física?

- “Quando se fala em sexualidade, por exemplo, quando vai falar sexualidade para os meninos, quando vamos tratar do tema sexualidade, o pessoal já imediatamente eles embarcam na parte sexual mesmo, e não trabalham a parte do gênero, das diferenças, dos conceitos etc e tal. Eles pensam na parte sexual mesmo, relacionamento físico e dessa forma agente praticamente não trabalha isso porque não é uma coisa assim que agente vê, que tem preparo, tem tempo suficiente, até mesmo nos professores em termos docentes, de docência agente não teve nenhum tipo de preparo sobre esse tema, o que agente sabe, que conhece é a vivencia da vida da gente normal, da gente como pai, como amigo, como pessoas de já certa idade, agente tem pensamentos familiarizado com esse tema dentro do contexto individual de cada um, o que penso pode não ser necessariamente o que você pensa e o que as outras pessoas pensam, dentro do contexto educacional o que agente vê é que ninguém tem preparo, porque por exemplo vão perguntar, o que dar, o que falar, o que fazer sobre esse tema dentro das aulas de educação física. Como falar, como abordar isso para jovens do ensino médio, por exemplo com meninos de 14 , 15, 16, 17 e 18 anos, então é complicado isso, porque na verdade não temos preparo educacional para isso, o que nos temos é vivencia, então na parte de vivencia o que agente faz as vezes pode fazer errado, as vezes até tolera a liberdade dos alunos, porque nos também não sabemos na verdade a cultura deles, aquilo que eles estão trazendo la de casa, o que os pais deliberaram sobre esse tema na casa deles, por exemplo uns são mais avançados, outros são menos, outros os pais nunca abordaram o tema, e como agente vai fazer com uma turma que normalmente é heterogênea, como agente vai abordar esse tema que é tão complexo, e o pessoal de repente não vai entender aquilo que agente ta falando, até porque sobre esse tema agente procura termos, um tanto quanto difíceis de conhecimento dos alunos para agente não falar um tema mais “pejorativo” porque ai uns podem não entender tudo, então agente tem que ter um cuidado muito grande com essa abordagem, eu educacionalmente falando nunca aprendi nada sobre isso, as coisas que eu falo para os alunos são coisas de vivencia que eu trouxe da minha casa, da minha cultura e com muito cuidado para não influenciar, para não desfazer

aquilo que talvez eles já tenham formado, mas sempre aberto para diálogo, para que eles possam de repente ter liberdade de procurar agente para conversar mais sobre isso, mas é um tema que é difícil de ser abordado, eu entendo que é difícil de ser abordado embora quando existe possibilidade agente fala alguma coisa, mas no sentido mais comportamental. Uma sala de aula que tem meninos e meninas nessa fase de adolescência é complicado, ainda mais que como eu disse heterogêneos, aonde cada um vem de uma sociedade diferente, em termos financeiros e culturais, então é complicado.”

Para você qual a importância de trabalhar a sexualidade?

- “Agente poderia interagir mais com os alunos dentro desse aspecto e tornando isso muito importante, eu acho muito importante falar sobre o assunto, so que importante na conjuntura de ter formação especial sobre o assunto, é mais ou menos quando agente vai dar aula de educação física e tem um aluno com deficiência visual, como eu vou dar essa aula para um aluno desse, se eu nunca aprendi nada sobre isso, como vou fazer, é a mesma coisa da sexualidade como eu vou fazer, como eu vou tratar esse tema sem saber, é um assunto importante demais da conta e precisa ser trabalhado com cuidado, e principalmente o professor de educação física que sua aula já é uma aula mais aberta, aonde os alunos tem mais liberdade precisa ser trabalhada, porem precisa-se ter o conhecimento e não apenas a bagagem trazida por nós.”